

Da Balada da Praia dos Cães

de José Cardoso Pires

Pierrette e Gérard Chalendar

Até hoje, a Balada da Praia dos Cães, é o título que na obra de José Cardoso Pires mais sucesso conheceu, dado que em cinco anos foi reeditado treze vezes,⁽¹⁾ ganhou o «Grande prémio de Romance e Novela» atribuído pela Associação Portuguesa de Escritores foi levado aos «ecrans» por José Fonseca e Costa, traduzido nas principais línguas europeias e foi seleccionado pelo Sunday Times entre os melhores romances estrangeiros publicados na Grã Bretanha em 1986.

Romance policial sem ser convencional

Até hoje, a *Balada da Praia dos Cães*, é o título que na obra de José Cardoso Pires mais sucesso conheceu, dado que em cinco anos foi reeditado treze vezes,⁽¹⁾ ganhou o «Grande prémio de Romance e Novela» atribuído pela Associação Portuguesa de Escritores foi levado aos «ecrans» por José Fonseca e Costa, traduzido nas principais línguas europeias e foi seleccionado pelo Sunday Times entre os melhores romances estrangeiros publicados na Grã Bretanha em 1986. No entanto, abstraímos agora do acolhimento entusiástico da crítica, dos meios editoriais e dos leitores e ocupemo-nos do texto em si.

Ele tem como subtítulo *Dissertação sobre um crime*. Não é, contudo, uma reflexão minuciosa e argumentada sobre o «cadáver de um desconhecido encontrado na praia do Mastro em 3-4-1960» (p. 5). Nem um resumo jornalístico do acontecimento mas uma narrativa de ficção propriamente dita, sendo embora apoiada por elementos referenciais que se relacionam com os métodos de investigação policial sob o regime salazarista (cf. p. 253). Estamos perante uma narração de factos e a sua interpretação que obedecem à lógica e à cronologia próprias do inquérito conduzido pelo Chefe de Brigada Elias Santana entre 3 de Abril de 1960 (data da descoberta do corpo da vítima) e 8 de Agosto do mesmo ano — dia em que os assassinos foram identificados.

Romance policial, portanto, sem ser, contudo, convencional, embora apresente algumas características do género; averiguação do autor do crime, reunião de testemunhos e de documentos acerca do modo de vida da vítima e como ocupava o tempo alguns dias antes de desaparecer, relações entre os polícias encarregados do inquérito, progressão das investigações por confronto dos suspeitos e dos resultados da análise de laboratório, das opiniões entre os inquiridores, entre datas e horários. Todavia, ao contrário

dum bom número de autores de romances policiais, José Cardoso Pires deixa quase no silêncio os móveis do crime (o Major Dantas Castro foi de facto executado pelo arquitecto Renato Manuel Fontenova Sarmento, mas ele não está seguro que fosse porque Mena, a amante do Major, decidira abandoná-lo para ir viver com Renato, e ela recusa-se a explicar este assunto).

O contexto político é essencial

Aquilo que o autor descreve, o que constitui a temática da obra, são as etapas do trabalho dos polícias e principalmente as circunstâncias em que esta investigação decorre. O contexto político é essencial: o assassinio foi em Abril de 1960, época salazarista por excelência. Com efeito, as referências ao regime político abundam: delas se destaca o conluio entre a PIDE e o círculo imediato do ditador (p. 144); a existência de correntes antagonistas no interior da armada, a tentativa (entre muitas outras) realizada por «um provocador a soldo do governo» (p. 183); a luta surda entre a polícia política e a judiciária: A PIDE há muito que sabia do crime e que só esteve a fazer tempo para passar o cadáver à Judite Judiciária com todo o malcheiroso (p. 18). Pelo lado da imprensa lisboeta e brasileira, a questão torna-se mais complexa e penetra no domínio público: Dantas Castro fora executado pela PIDE, lê-se aí, e esta agiu em cumplicidade com um grupo subversivo oposto ao da vítima.

A partir destes dados, José Cardoso Pires poderia circunscrever o assunto ao enredo das relações entre as duas polícias e as interpretações divergentes dos jornais; nesse caso leríamos uma «colagem» textual à base de recortes da imprensa (p. 183), de extractos de jornais, de panfletos políticos (ibid.), de cartas pessoais, de apontamentos dispersos numa obra lida por um dos membros do grupo e que esclareceriam os inquiridores, das declarações das testemunhas dos relatórios da polícia. Poder-se-ia, assim, mostrar a aposta política e ideológica deste assassinato, pôr a descoberto o engendramento do sucedido pela

imprensa (ou mais largamente pelos «media», embora a rádio ou a televisão não tivessem intervindo no caso).

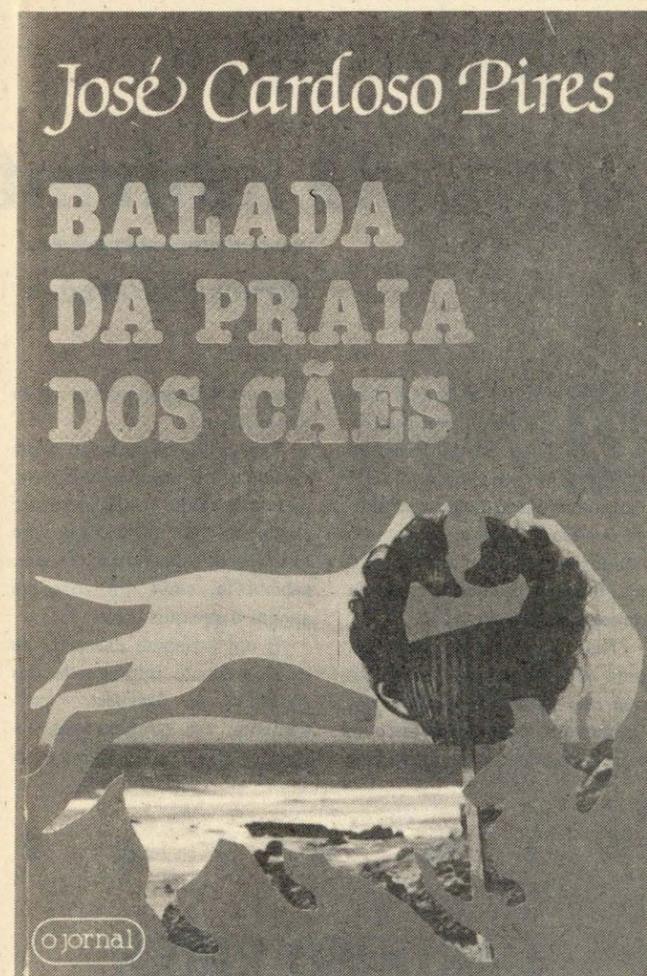
Uma outra exploração possível dos elementos aqui reunidos: a exploração da personalidade da vítima. Elias recompõe com pormenor o seu passado, bem como o dos seus amigos; ficamos a conhecer, grosso modo, o tino de homem que ele releva: um arrebatado idealismo que «rivaliza» com o «totalitarismo salazarista» (p. 86) e cujo comportamento manifesta «uma crise de personalidade que tem a ver com uma angústia de afirmação quase patológica» (p. 113). Otero, colega de Elias, adianta a tese de que «a política é a projecção da frustração individual sobre o colectivo» (p. 114). Mas o autor não alinha por este filão; estas observações pertencem ao anedótico no texto; elas alimentam um tempo, as conversas entre os inquiridores, não constituindo uma linha de força temática, um ponto focalizador a partir do qual se organizaria a evolução da ficção.

Elias Santana a antítese de Sherlock Holmes

Decididamente, a personagem de primeiro plano não é Dantas Castro, mas Elias Santana. É ele que torna mais rebuscado o assunto do retrato. Enquanto muitas zonas sombrias permanecem sobre o passado e as motivações do Major (teria uma actividade revolucionária em Moçambique?) e sobre as relações com a amante (por que decidira viver com o arquitecto no momento em que acabava de descobrir o prazer com o seu primeiro amante ao sair da prisão?), a pessoa física e psicológica do polícia é-nos mais conhecida: sabe-se, desde o início do romance, que ele digere mal, que é míope, que mede 1m e 73; salientam-se os seus típicos profissionais: «jamais pronuncia a palavra Defunto, Finado ou Falecido a propósito do cadáver que lhe é confiado; preferindo tratá-lo por de Cujus que sempre é um termo de meretíssimo juiz» (p. 14). A menor hipótese acerca das motivações do assassinato é registada, mesmo que o seguimento mostre que era errónea (Elias chega a

pensar num crime político: o facto de se ter mudado o calçado da vítima prova, pensa ele, que se atribua a morte a um traidor. A interpretação será desmentida depois). É que esta personagem não é apenas um testa-de-ferro que permite ao romancista descrever os mecanismos do inquérito, garantir a reconstituição da cena do crime e, por fim, identificar os responsáveis; é também um homem em toda a sua dimensão: ele ostenta uma intensa vida psíquica: um tal episódio de investigação faz-lhe evocar um filme de horror com Boris Karloff no papel principal (p. 30) ou do assassinato dum padre numa fábrica de velas (p. 115). No decorrer dos interrogatórios, está fascinado pela sensualidade de Mena de que não cessa de imaginar o «pródigo e ardente púbis», as «coxas serenas e poderosas (p. 28), os seios comparados a um «botão de mel» (p. 29). A figura hiper-sexualizada da filha na orla da piscina, cuja fotografia ele observa de vários ângulos, incita-o a masturbar-se (p. 190). Frustra as interpretações jornalísticas e exhibe uma psicologia muito elaborada na técnica de interpretação dum suspeito: «Jamais, no confronto com um indivíduo desses Elias deixava transparecer os seus gostos ou as sus leituras, seria uma aproximação que não lhe interessava. O contrário sim. Ignorar, mostrar-se rotineiro, insensível. «Se queres agarrar o preso, deixa o amor-próprio em casa» era outra das suas regras.» (p. 126).

Afinal de contas, é preciso compreender Elias como a antítese de Sherlock Holmes: longe de ser um puro cérebro experimentado nas deduções, no confronto das provas, deixa transparecer a sua exigente sexualidade, a desconfiança para com intrigas políticas e, contrariamente a Maigret, desinteressa-se pelas motivações psicológicas que levaram um homem a matar. Nenhuma reflexão filosófica perturba o inquiridor: o desaparecimento do Major é produto da ditadura política, da apetência pelo poder no seio das organizações terroristas, do ciúme masculino, da sexualidade delirante da mulher? O polícia em causa não incide no drama interior que fez dum indivíduo um criminoso; contenta-se em identificá-lo e desinteressa-se do caso desde que o inquérito acaba; não interioriza a desgraça de que reu-



niu todos os fios; simplesmente conclui-a pelo reconhecimento do assassino e volta para casa cantalorando árias de óperas.

Não há dúvida que foi a verossimilhança da personagem que garantiu o sucesso editorial do livro, visto que a sua escrita é das mais clássicas.

a) A acção — a investigação — desenrola-se em lugares perfeitamente conhecidos dos leitores como sejam o Chiado ou o gabinete de Elias cuja «luz do neon» zune «como um aquário de sala» (p. 52) e a gaveta contém objectos tão familiares como comprimidos de magnésio e um livro para um grande público letrado («A vida quotidiana dos Assírios»). Verifica-se, também, o cuidado que o escritor pôs em tornar plausíveis certos dados para autenticar os personagens, para os aceitar como realmente existentes: não será inútil, por exemplo, precisar que Elias é apelidado Kovas, que o seu quarto tem uma cómoda de mogno e que dorme em lençóis bordados (p. 14), que para ele a interjeição «merda» designa uma situação problemática (p. 34). Estes pormenores servem para abonar a ideia de que havia nos anos sessenta, em Lisboa, um polícia realmente com este nome patronímico, vivendo entre esta mobília e afectando exprimir a sua presunção por um termo conhecido de toda a gente. Do mesmo modo, os relatórios da polícia, os panfletos não são trabalho de ficção, mas estão envolvidos na trama da história e reconstruídos como tais. Tudo isto assegura um contacto estreito entre o real e o descrito e dá a impressão ao leitor que os factos são verificáveis e que as «acções passam para a própria verdade»⁽²⁾.

b) Para além do código de verificabilidade, o efeito do real está garantido por um outro: o da consciência: «quanto mais a descrição exagera em perseguir os detalhes, menos o leitor consegue representar os objectos descritos de modo satisfatório, a acumulação confundindo os eixos de referências» (Robbe-Grillet). O recurso à sinédoque é dado então como muito útil, o pormenor, aparentemente anódino, torna o con-

junto credível. As frases sublinhadas no romance de Jack London são um resumo ideológico da situação do Major; quanto aos cigarros que Mena fuma ininterruptamente, focaliza a tensão nervosa da rapariga após o drama. Aqui se vê que o descritível se estende para além do descrito pois o real excede toda a narração que dele se dá. «No texto realista, escreve Jakobson, o pormenor conhecido torna o conjunto credível, o objecto autenticado torna autêntico o espaço, o momento apreendido torna verdadeiro todo o tempo». Tudo isto é facilmente desmontável no texto de José Cardoso Pires.

c) O terceiro código que nele se encontra é o da aceitabilidade do referente. Sabemos que Auerbach definia o realismo como o tratamento problemático das realidades vulgares. *Balada da Praia dos Cães* ilustra muito bem esta reflexão: porque o crime de que se trata não recebe interpretação exaustiva e definitiva, pode ser entendido como um acidente de percurso amoroso (drama da inveja masculina), como um dos modos de tirania (a PIDE não estava envolvida neste assassinato?), como síndrome das doenças que pervertiam as sociedades burguesas (Dantas Castro não se animara do desejo de ter papel de dirigente dentro da sua organização, não foi vítima da luta pelo poder em nome dum ideal de justiça, aliás mal definido?).

Este conjunto de critérios que define a prática realista opera no romance de que nos ocupámos e permite catalogá-lo entre as obras realistas. Donde o seu lado «clássico». Daí a facilidade que se experimenta ao lê-lo e, por conseguinte, o êxito que ele teve junto dos leitores.

(Trad. de Francisco Martins e de Alexandra Martins)

Notas:

⁽¹⁾ Edições O Jornal, 1982. As citações são extraídas da 13ª edição (1987). A estas 13 edições, convém acrescentar a edição especial aparecida em Novembro de 1984, no Círculo de Leitores.

⁽²⁾ J. M. Klinkenberg, *Réaliés d'un discours sur le réel*, início «Lire Simenon — réalité/fiction/écriture», Nathan/Labour, 1980, p. 128.